

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO  
REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

## A REPETIÇÃO À LUZ DOS FENÔMENOS PARALINGÜÍSTICOS NA LINGUAGEM DA CRIANÇA

**AUTOR PRINCIPAL:** Marlon Remboski de Souza.

**CO-AUTORES:**

**ORIENTADOR:** Marlete Sandra Diedrich.

**UNIVERSIDADE:** Universidade de Passo Fundo

### INTRODUÇÃO:

Este trabalho visa analisar a repetição, um processo de formulação textual, nos fatos de linguagem da criança. Para tal, baseamo-nos em estudos feitos por Mascuschi (2015) sobre tal questão, com a ideia de que uma repetição é singular, não se tratando de dizer as mesmas palavras, mas sim, de se construir novos sentidos no processo interativo. Apoiadas a isso, estão as pesquisas de Kerbrat-Orecchioni (1986) e Urbano (1974) sobre traços paralingüísticos, presentes em um evento comunicativo oral.

Para a discussão, escolhemos um fato de linguagem de uma criança de 2 anos, o qual fez parte do corpus da pesquisa de doutorado de Diedrich (2015), a fim de analisarmos de que forma a repetição, aliada aos traços paralingüísticos, auxilia no processo de textualização da língua falada.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de um estudo sobre o processo da repetição, visto que é um dos mais presentes na oralidade e dada sua importância na textualização de manifestações espontâneas.

### DESENVOLVIMENTO:

O conceito de repetição, quando pensado de modo superficial, pode ser rapidamente definido como repetir a mesma palavra ou expressão. Para Marchuschi (2015), porém, a repetição não é um ato redundante, no qual se fala o mesmo enunciado sem atribuir novos sentidos, mas representa “a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (2015, p. 209). Entendemos como “segmento textual” qualquer produção linguística oral em um “evento comunicativo”, isto é, dentro de uma unidade de interação desde o seu início ao fim.

Dentre as funções da repetição, Marcuschi (2015) ressalta isto: a contribuição para a organização do discurso, mantendo a coerência textual; o auxílio para a coesão

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



e na construção de sequências mais compreensíveis; a continuidade da organização tópica e a facilitação das atividades interativas. Diante disso, a repetição se torna essencial para o processo de textualização na língua falada, podendo se manifestar no aspecto fonológico, lexical, sintático ou oracional.

O autor (2015, p.209) ilumina a questão com as características “idêntico” e “semelhante”. Para a primeira, pontua: 1) “refere uma repetição, em que o segmento repetido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada”; a segunda: 2) “aponta para a produção de um segmento com variação, seja no item lexical ou na estrutura (ou parte dela), incluindo-se aí a variação prosódica”.

Para este trabalho, a ideia de repetição “idêntica”, contudo, não satisfaz a amplitude do processo conversacional. Ao considerarmos os traços paralinguísticos, percebemos a dificuldade de se repetir de modo idêntico também o gesto, o tom de voz, a duração ou o ritmo, por exemplo, com os quais a matriz — primeira entrada do segmento discursivo depois repetido — foi realizada.

Para o estudo dos traços paralinguísticos, apoiamo-nos no conceito de Kerbrat-Orecchioni (2006). Para a autora, as interações conversacionais revelam uma comunicação multicanal, uma vez que a matéria pertinente, sem dúvida, se compõe de significantes verbais, mas também de entonações, risos, gestos, silêncios, posturas... Com esse olhar, a autora classifica como paralinguísticos todos os recursos que intervêm nas interações predominantemente verbais, dividindo-os em orais e não linguísticos. Os orais dizem respeito a elementos prosódicos, como a entonação. Os não linguísticos envolvem signos corporais, como o gesto, a mímica. Acerca disso, trazemos um argumento de Urbano (1974, p. 108), segundo o qual “Na verdade, os elementos paralinguísticos quebram o rigor da linearidade da linguagem, à medida que participam simultânea ou harmonicamente do significante como roupagem, ora despercebida, ora altamente expressiva, porém, sempre necessária”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A repetição e os traços linguísticos podem parecer detalhes ou passarem despercebidos em um evento comunicativo, ainda mais se tratando de um contexto no qual a criança é o falante em destaque. Porém, ao vermos ambos os fenômenos como partes importantes para a construção do texto falado, conseguimos vislumbrar melhor como se dá a experiência da criança na linguagem via aspectos interacionais.

## REFERÊNCIAS:

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Análise da Conversação, princípios e métodos. São Paulo, Parábola, 2006.

# IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO  
REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



\_\_\_\_\_. “Nouvelle communication” et “analyse conversationnelle”. Langue française, 1986, Paris, n. 70, n.1, p. 7-25.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.) A construção do texto falado. – São Paulo: Contexto, 2015.

URBANO, Hudinilson. À margem de “À margem da dupla articulação” de Martinet — elementos para um estudo de Paralinguística. Língua e literatura, São Paulo, v.3, ano 3, p. 101-134, 1974.

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):**

**ANEXOS:**

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.